

SERVIÇO SOCIAL NA AMÉRICA LATINA:

Reflexões sobre formação profissional,
produção do conhecimento e
cotidiano dos serviços

Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti
(Organizadora)



SERVIÇO SOCIAL NA AMÉRICA LATINA:

Reflexões sobre formação profissional,
produção do conhecimento e
cotidiano dos serviços

**Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti
(Organizadora)**



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Daphynny Pamplona

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Serviço Social na América Latina: reflexões sobre formação profissional, produção do conhecimento e cotidiano dos serviços

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadora: Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S491 Serviço Social na América Latina: reflexões sobre formação profissional, produção do conhecimento e cotidiano dos serviços / Organizadora Soraya Araujo Uchoa Cavalcanti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-644-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.444212710>

1. Serviço Social. 2. Questão social. I. Cavalcanti, Soraya Araujo Uchoa (Organizadora). II. Título.

CDD 360

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coletânea de textos *Serviço Social na América Latina: Reflexões sobre a formação profissional, produção do conhecimento e cotidiano dos serviços* reúne artigos heterogêneos de distintas regiões do Brasil. São doze artigos frutos de pesquisas, revisão de literatura, relatos de experiências e ensaios teóricos.

O primeiro artigo é fruto da tese de doutoramento em Serviço Social e apresenta as conclusões obtidas nesse processo acerca da política de saúde brasileira no contexto da contrarreforma do Estado, trazendo importantes contribuições para a análise do real e seus rebatimentos nos espaços sócio-ocupacionais na contemporaneidade. O segundo texto, é produto das reflexões da equipe de Serviço Social em um serviço de emergência no contexto da pandemia de Covid-19, seus desafios e enfrentamentos nessa conjuntura.

O artigo seguinte consiste em ensaio teórico acerca das bases que fundamentam a proposta do Desenvolvimento da Comunidade e suas interlocuções históricas. Já o quarto texto, produto de pesquisa bibliográfica e documental, coloca em evidência o processo que culminou na Resolução nº 510/2016 que trata da normatização da pesquisa envolvendo seres humanos nas ciências humanas e sociais.

O texto seguinte, apresenta os resultados de pesquisa desenvolvida junto aos idosos acompanhados por uma Unidade Básica de Saúde apontando a importância do uso da Avaliação Multidimensional da Pessoa Idosa. O sexto texto, decorrente de pesquisa qualitativa acerca das violências sexuais colhidas através do Sistema de Informação para Infância e Adolescência – SIPIA vinculadas aos anos de 2014 e 2015, trazendo neste contexto importantes contribuições à discussão da temática em foco.

O próximo artigo, por sua vez, discute o modo de produção capitalista, a questão social e o papel do Centros de Referência de Assistência Social – CRAS nessa conjuntura. O oitavo artigo apresenta as reflexões e discussões acerca da temática de gênero no contexto de relações de poder no meio rural e aumento do protagonismo feminino dos espaços produtivos.

O texto seguinte discute as particularidades do processo de encarceramento do gênero feminino nas unidades prisionais trazendo importantes contribuições neste contexto. O décimo texto apresenta as reflexões e discussões acerca das percepções da construção da identidade de gênero de mulheres no mercado de trabalho.

O penúltimo texto é resultado das reflexões ocorridas no Mestrado em Desenvolvimento Social e apresenta conclusões obtidas nesse período a partir de estudo de discussão da estigmatização dos espaços urbanos. E finalmente o último artigo apresenta os resultados de pesquisa sobre autogestão de recursos junto a funcionários públicos.


Neste contexto, convidamos os leitores a acessar as discussões e resultados apresentados nessa coletânea, conferindo debates contemporâneos acerca do cotidiano dos serviços e produção acadêmica nas temáticas em foco.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

POLÍTICA DE SAÚDE NO BRASIL NO CONTEXTO DE CONTRARREFORMA DO ESTADO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE

Soraya Araújo Uchôa Cavalcanti

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4442127101>

CAPÍTULO 2..... 14

O SERVIÇO SOCIAL EM UMA EMERGÊNCIA PÚBLICA: A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO EM REDES NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19


Rosana Maria de Lima

Lani Brito Fagundes

Xênia Maria Tamborena Barros

Vanessa Soares Patta


Bruna de Souza Machado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4442127102>

CAPÍTULO 3..... 22

SERVIÇO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE: REFORMANDO O JECA TATU


Tereza Cristina Pires Favaro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4442127103>

CAPÍTULO 4..... 34

ÉTICA EM PESQUISA NAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS: A CONSTRUÇÃO DA RESOLUÇÃO CNS Nº 510 DE 2016


Cacildo Teixeira de Carvalho Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4442127104>

CAPÍTULO 5..... 45

A IMPORTÂNCIA DA APLICAÇÃO DA AVALIAÇÃO MULTIDIMENSIONAL DA PESSOA IDOSA NA ATENÇÃO BÁSICA NA CIDADE DE SÃO PAULO

Gisela Saori Yoshimatsu

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4442127105>

CAPÍTULO 6..... 74

CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VIOLAÇÕES DE DIREITOS: UM ESTUDO SOBRE GÊNERO E DESIGUALDADE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL

Rodrigo da Silva Bezerra

Luciane Pinho de Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4442127106>


CAPÍTULO 7..... 89

CENTROS DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - CRAS - E ESTRATÉGIAS DE

ENFRENTAMENTO À QUESTÃO SOCIAL

Angélica de Santana Rocha

Marcos Esdras Leite


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4442127107>

CAPÍTULO 8..... 105

MULHERES E RURALIDADE – DA INVISIBILIDADE À AUTONOMIA E EMPODERAMENTO

Ana Paula Evangelista de Almeida

Ana Luisa Lima Grein

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4442127108>


CAPÍTULO 9..... 123

MULHER, MÃE E SENTENCIADA: A REALIDADE PRISIONAL DO GÊNERO FEMININO

Maria da Luz Alves Ferreira

Fernanda Santos Aragão

Luciana Pimenta Borges Dupim


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4442127109>

CAPÍTULO 10..... 140

PERCEPÇÕES DE GÊNERO: EXPERIÊNCIAS DO COTIDIANO DE MULHERES NO ESPAÇO DA CIDADE

Lucília Grandó

Carla Alessandra Barreto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44421271010>

CAPÍTULO 11..... 153

ESTIGMA TERRITORIAL EM FOCO: NOTAS SOBRE CIDADE E DESENVOLVIMENTO

Arnaldo Oliveira Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44421271011>

CAPÍTULO 12..... 165


AUTOGESTÃO DE RECURSOS EM MOMENTO DE ESCASSEZ: UM ESTUDO DOS SERVIDORES PÚBLICOS ESTADUAIS/DOCENTES NA UNIMONTES

Eliana Soares Barbosa Santos

Maria do Perpétuo Socorro Nassau Araújo

Mônica Nascimento e Feitosa

Lucineia Lopes Bahia Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44421271012>

SOBRE A ORGANIZADORA..... 179

ÍNDICE REMISSIVO..... 180

ESTIGMA TERRITORIAL EM FOCO: NOTAS SOBRE CIDADE E DESENVOLVIMENTO

Data de aceite: 26/10/2021

Data de submissão: 20/09/2021

Arnaldo Oliveira Rodrigues

Centro Federal de Educação Tecnológica -
CEFET-MG
Curvelo - MG
<http://lattes.cnpq.br/4059351345539279>

RESUMO: O estigma territorial é definido por Wacquant (2005; 2006) relacionado à marginalidade avançada que ocorre no panorama das cidades, engendrando discursos de demonização de certas áreas: os abismos urbanos, locais de privação, violência, pobreza, dentre outros. Tais locais são categorizados com base em alguns atributos que, conforme Goffman (1988) permitem a inserção ou não dos indivíduos no panorama social e delega aos estigmatizados um lugar de não aceitação social plena. Neste artigo, apresentam-se os resultados de parte de revisão de literatura e de pesquisa de campo elaboradas durante o Mestrado em Desenvolvimento Social pela UNIMONTES. Partindo de um referencial teórico diversificado e mediante a prática realizada, observa-se ainda hodiernamente a presença de estigmas no panorama urbano, em especial, aquele que se refere ao território: a estigmatização de espaços e concomitantemente a estigmatização das pessoas que nele residem. Conclui-se que este processo gera impactos negativos para os desenvolvimentos, merecidamente nomeados

como atraso: estigma coaduna com segregação, exclusão e impede o desenvolvimento social, territorial, local. Além disso, favorece o enfraquecimento dos laços coletivos e solidariedades locais. Há, pois, que se pensar em estratégias possibilitadoras de mudanças sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Estigma, estigma territorial, simbólico urbano, cidade, desenvolvimento.

TERRITORIAL STIGMA IN FOCUS: NOTES ON CITY AND DEVELOPMENT

ABSTRACT: Territorial stigma is defined by Wacquant (2005; 2006) related to the advanced marginality that occurs in the panorama of cities, engendering discourses of demonization of certain areas: the urban abysses, places of deprivation, violence, poverty, among others. Such places are categorized based on some attributes that, according to Goffman (1988) allow the insertion or non-insertion of individuals in the social panorama and delegates to the stigmatized a place of full social non-acceptance. In this paper, we present the results of part of the literature review and field research carried out during the Master's Degree in Social Development at UNIMONTES. Based on a diversified theoretical reference and through the practice carried out, it is still observed, nowadays, the presence of stigmas in the urban panorama, especially those referring to territory: the stigmatization of spaces and concomitantly the stigmatization of the people who live in them. It is concluded that this process generates negative impacts for developments, deservedly named as backwardness: stigma coadunates with segregation, exclusion, and impedes social,

territorial, local development. Furthermore, it favors the weakening of collective ties and local solidarities. Therefore, it is necessary to think about strategies that make social change possible.

KEYWORDS: Stigma, territorial stigma, urban symbolic, city, development.

1 | INTRODUÇÃO

A estigmatização territorial é um fenômeno constituído a partir de relações sociais de poder, de divergências entre classes sociais e da apropriação desigual do espaço urbano. É demarcada pelo aspecto simbólico¹ somado aos aspectos materiais e objetivos, engendrando a configuração de espaços de segregação e de complexificação das assimetrias e desigualdades sociais. Interfe na qualidade de vida das pessoas e na própria noção de desenvolvimento e suas práticas de implementação. Ou seja, é possível correlacionarem-se os três aspectos: estigmas territoriais, sua representação e conceitos/práticas de desenvolvimento.

O conceito de estigma é derivado diretamente da obra de Goffman (1988), passando pelos estudos de Elias e Scotson (2000) e formalizado por Wacquant (2005, 2006, 2008) ao acrescentar a adjetivação '*territorial*'. Goffman (1988) pesquisou e compilou os estudos presentes até a década de 50 e 60 do século XX, acerca dos estigmas tendo então identificado a existência de três categorias dentre elas os estigmas de tribo, raça e nação ao qual Wacquant (2006) relaciona o estigma territorial.

O estigma é definido como “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (Goffman, 1988, p.7) se constituindo em uma forma da sociedade categorizar as pessoas em seu conjunto total de atributos, permitindo-lhes se inserirem num ou noutro grupo, mas ao mesmo tempo, também inviabilizando sua participação em outros: “os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas” (Goffman, 1988, p.12/13).

Já no final do século XX, Wacquant (2006, p.27) retoma os estudos de Goffman e apresenta uma nova faceta: a marginalidade avançada é a base para a estigmatização territorial. O conceito de marginalidade avançada deriva do fato de que há uma nova forma de crescimento da pobreza que vem ocorrendo em escala mundial nas sociedades capitalistas modernas e “tende a concentrar-se em territórios isolados e claramente circunscritos”, sendo os mesmos percebidos como lugares de perdição, onde só circulam os desviantes e resíduos da sociedade. Este avanço da marginalidade favorece cada vez

1 Simbólico, em sentido dicionarizado, significa “relativo a símbolo; que tem o caráter alegórico; relativo aos formulários da fé” (VIANA, 2011, p.509). Simbólica, por sua vez é apresentada como “conjunto de símbolos de uma religião, de uma época, de um povo; ciência que explica os símbolos; simbologia” (VIANA, 2011, p.509). Bresciani (2001) apresenta uma versão do simbólico marcada pela construção de sentidos e significados, pelas nomeações e classificações, englobando desde situações corriqueiras tais como o nome de uma rua até as mais complexas como, por exemplo, a formação de representações acerca de um determinado espaço ou os discursos que se tem sobre determinada realidade. Por sua vez, Castells (1983) fala do simbólico urbano, em que o espaço urbano é o significante do significado estrutura social. Envolve aspectos tais como a linguagem, os sentidos construídos sobre o espaço, as relações sociais e sistemas de comunicação, as imagens do urbano, dentre outros.

mais a estigmatização das pessoas com base em seus territórios, fornecendo às pessoas a marca dos discursos de descrédito nas interações da vida cotidiana, nos discursos jornalísticos, políticos, burocráticos e científicos, resultando em efeitos de exclusão por vezes redobrados.

O estigma territorial partilha com os demais a mesma característica de colocar em xeque a questão da informação e da identidade social e das relações estabelecidas pelos indivíduos. Com o estigma de raça, nação e religião, partilha a propriedade de poder ser transmitido por linhagem e afetar todos os membros da família. Mas, contrariamente aos demais tipos de estigma, o territorial “pode ser facilmente dissimulado e atenuado (ou até, anulado) pela mobilidade geográfica” (WACQUANT, 2006, p.28).

Na cidade dualizada, como o é, a presença de tais bairros ou espaços acentua a desigualdade existente na medida em que os bairros estigmatizados são tidos como infernos urbanos, locais de perigo, vício, abandono, corporificação de todo o mal urbano. O que está em questão prioritariamente são os discursos que segregam tais locais pois quer estes locais sejam de fato perigosos ou não, caso sua população seja essencialmente pobre ou não, o fato principal é que “a crença preconceituosa de que assim são, basta para engendrar consequências socialmente nocivas” (WACQUANT, 2006, p.29).

Este trabalho é um exemplo de caso brasileiro. Trata de pesquisa realizada no Mestrado em Desenvolvimento Social na Universidade Estadual de Montes Claros que resultou na dissertação “Relações sociais de espaço e suas facetas de desigualdade e estigmatização: um estudo das representações sociais de moradores do ‘Feijão Semeado’, Montes Claros – MG”. Na pesquisa, foi estudado um dos bairros mais estigmatizados da cidade: o bairro Conferência Cidade Cristo Rei, vulgarmente conhecido como “Feijão Semeado” e neste artigo usaremos as duas nomenclaturas.

2 | MATERIAIS E MÉTODOS

Durante a pesquisa realizada foi desenvolvido um estudo de caso com o bairro Conferência Cidade Cristo Rei, na região leste de Montes Claros. A técnica de observação escolhida associa a análise de fontes secundárias com uma coleta de dados quanti-qualitativa, haja vista a realidade social ter dimensões tanto qualitativas quanto quantitativas e ambas se mostrarem necessárias para compreender a realidade (DEMO, 1986). No presente trabalho, apresentamos os resultados da etapa inicial da pesquisa em que foram aplicados questionários no centro da cidade para a escolha do bairro do estudo de caso, sendo apresentados alguns dos dados de fontes secundárias e discutidos com base na literatura estudada na elaboração da dissertação. Os demais dados qualitativos, apresentados na íntegra, podem ser encontrados na dissertação citada no final da introdução deste artigo.

3 I RESULTADOS E DISCUSSÃO

O município de Montes Claros é localizado na região norte de Minas Gerais, com área territorial de 3.568,935 km², uma população de 364.315 habitantes; população residente de 361.195 pessoas sendo 174.249 homens, 187.666 mulheres e com população alfabetizada² de 311.869 pessoas. Os residentes na área urbana totalizam 344.427 pessoas e na área rural, 17.488 pessoas (IBGE, 2011a).

Dados do censo 2000 mostram que em Montes Claros havia 16 favelas e dentre estas, comparativamente, verificava-se diferenças: a distribuição espacial das mesmas dependia da ordem cronológica de seu surgimento, sendo as mais antigas mais próximas ao centro e as mais novas, mais afastadas, tendo que os indicadores socioeconômicos são melhores nas favelas mais antigas (LEITE; BRITO; PEREIRA, 2009). Segundo dados do IBGE (2011a), via censo 2010, a cidade possui 14 favelas, nomeadas atualmente como aglomerados subnormais, nas quais há um total de 4.110 domicílios particulares ocupados e 15.607 habitantes.

A nomenclatura aglomerados subnormais foi adotada no censo anterior e de acordo com a definição do IBGE (2011b, s.p.), aglomerado subnormal “é um conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas...) carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa”. Os aglomerados subnormais existentes em Montes Claros são: Bairro Chiquinho Guimarães, Bairro Cidade Conferência Cristo Rei, Bairro Itatiaia, Morrinhos, Nova Morada, Rua Manoel de Souza Brasil, São Vicente no Bairro Santos Reis, Vila Alice, Vila Castelo Branco, Vila Mauricéia, Vila Santa Cecília, Vila São Francisco, Vila Telma e Vila Tupã.

Tido como periferia, o bairro Feijão Semeado se localiza praticamente na área central de Montes Claros, em área de fácil acesso, com comércio em suas adjacências, transporte urbano em suas proximidades e uma rede de serviços (Escolas, Estratégia Saúde da Família - ESF, hospital, dentre outros) em seu entorno, que poderia incluir os moradores. Este termo, periferia urbana, inicialmente era pensado de duas maneiras: i) para designar a borda, a franja urbana, os loteamentos no limite da margem das cidades ou ii) para designar as áreas que não são necessariamente distantes do centro urbano, mas que são desprovidas de meios de consumo coletivo (LEITE; PEREIRA, 2008; RITTER; FIRKOWSKI, 2009) sendo que no presente texto adota-se o segundo sentido apresentado, quando se fala de periferia.

Quanto a indicadores sociais e econômicos, relacionados ao processo de fragmentação do espaço urbano e desigualdade social em Montes Claros, o trabalho de França (2010) apresenta dados que atestam o aumento das desigualdades e a

² É necessário ressaltar que o IBGE considera o item alfabetização como a forma de investigar o tema “Educação” e verifica este item mediante a pergunta: “Sabe ler e escrever?”.

concentração de renda, fatores estes que se refletem na apropriação desigual do espaço urbano e em acesso diferencial a bens e serviços. Apesar de se constituir em um polo do Norte de Minas, Montes Claros “se apresenta como um mosaico onde se articulam diferentes espaços com dinamismo econômico e forte peso das desigualdades em sua configuração territorial” (FRANÇA, 2010, s.p.) havendo uma miscelânea de forças: forças de exclusão e segregação, mas também, possibilidades de integração.

Rocha e Martins (2006) em pesquisa baseada nas ideias de Elias e Scotson (2000) buscaram conhecer as relações e as representações sociais dos moradores do Cidade Conferência Cristo Rei, testando a hipótese lançada por estes autores de que “uma comunidade, ao sofrer a estigmatização, a resposta de parte dos moradores é a de chamar atenção daqueles que os estigmatizam por intermédio de ações delituosas, seja o vandalismo ou a prática corriqueira de crimes” (p.1), vindo esta a ser confirmada. A pesquisa revelou que a amostra selecionada, ocupando o lugar de grupo estabelecido, enxerga os moradores do bairro como pobres e criminosos e os moradores por outra via, em lugar de *outsiders*, mantêm sensação de inferioridade, de baixa autoestima, e alguns jovens do local se envolvem em atos de cunho negativo, tal como o comportamento desviante ainda que a maior parcela populacional adote o *comportamento correto*.

“Elementos como: exclusão e superioridade social, pertencimento, baixa autoestima, rejeição, desconfiança, dentre outros, são pontos constitutivos da vida social, que ilustram as relações entre a comunidade Cidade Conferência Cristo Rei e o restante da cidade” (ROCHA; MARTINS, 2006, p.8). Alguns termos são elencados pelos autores como fatores de estigmatização utilizados pelos moradores do entorno para se referirem ao bairro: “Só mora bandido”, “Beco dos ratos”, “Feijão semeado”, “100% traficante e vagabundo”, “Lá nem o SAMU vai”, são exemplos (p.2). Os adolescentes envolvidos com o tráfico são referenciados pelos moradores como “os meninos que mexem com coisa errada” ao passo que, para os moradores do entorno, eles são os “os traficantes/bandidos do “Feijão semeado”, de tal forma que o preconceito e estigma começam na circunvizinhança e se estende pela cidade. Os autores concluem o trabalho evidenciando a necessidade de políticas públicas de segurança com foco na prevenção e no fortalecimento da autoestima dos moradores bem como ações de proteção social mais estratégicas para a comunidade.

A presença do estigma neste contexto fortalece a separação dos moradores da lógica não apenas da cidade, mas também do sistema de saúde, uma vez que diante da ausência de profissionais de saúde na própria unidade, os moradores receosos de buscarem o atendimento em unidades próximas e sofrerem mais estigmas buscam diretamente os hospitais para atendimentos de rotina, que deveriam ser resolvidos no próprio território (SANTOS, 2011).

Esta questão do estigma territorial foi verificada na etapa exploratória da pesquisa de campo, conforme resultados a seguir.

A primeira etapa da pesquisa consistiu na aplicação de 53 questionários na região

central de Montes Claros, sendo que a amostra selecionada constituiu-se por 31 (58,49%) pessoas do sexo feminino e 22 (41,51%) do sexo masculino. Não sendo esta uma amostra probabilística, o centro da cidade foi escolhido por ser frequentado por pessoas de diversas classes sociais, diferentes rendas, moradoras de bairros distintos, e as pessoas foram escolhidas aleatoriamente, não obedecendo a critérios pré-estabelecidos. Optou-se pela aplicação deste número de questionários, pois esta era uma fase exploratória, com o objetivo de apontar tendência nas respostas dos entrevistados, tendo o objetivo atendido.

A faixa etária predominante foi a de 21 a 40 anos, com 30 pessoas. Quanto à escolaridade, a maior parte dos entrevistados possui Ensino superior completo (13 pessoas, ou 24,53%) ou Ensino médio completo (13 pessoas ou 24,53%). A renda familiar que mais se observa na amostra é a compreendida na faixa entre 1 e 2 salários mínimos (SM), com 14 pessoas ou 26,41%; em seguida, a faixa entre 2 e 3 SM, com 8 pessoas ou 15,09% da amostra. Quanto ao bairro de residência dos entrevistados, apareceram 35 bairros diferentes, além do centro da cidade, sendo que o centro e adjacências apresentam maior porcentagem.

A primeira questão apresentada aos entrevistados no questionário consistiu em pedir-lhes que citassem o nome dos três piores bairros de Montes Claros, não lhes sendo fornecido nenhum critério no qual pudessem embasar sua escolha. As respostas surgiram praticamente de forma automática e os entrevistados não aparentaram dificuldades em responder à questão, cujo resultado pode ser visto a seguir:

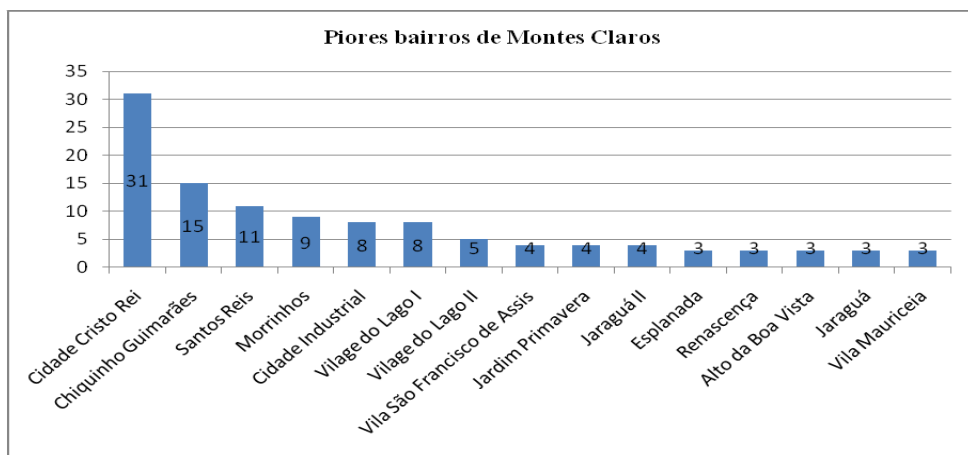


Gráfico 1: Bairros assinalados pela amostra como os piores de Montes Claros.

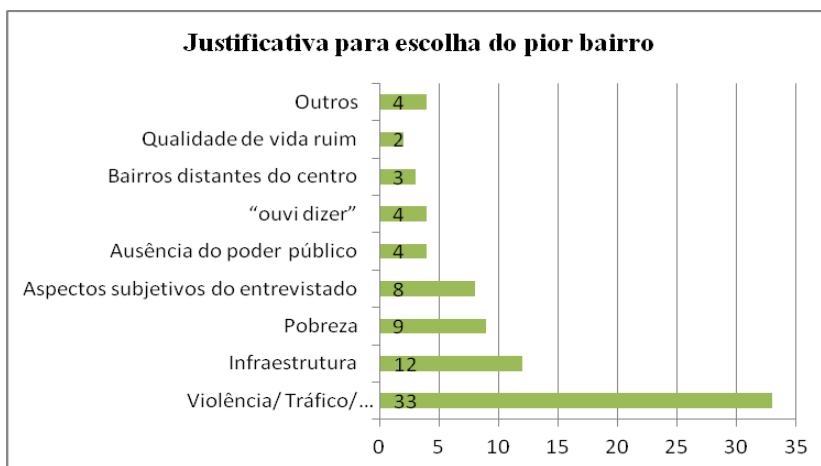
Fonte: Banco de dados resultante da aplicação de questionários na área central de Montes Claros, jun./jul.2013.

O bairro Cidade Conferência Cristo Rei, que é o foco desta pesquisa, foi assinalado 31 vezes. Dentre os moradores que consideram o Cidade Conferência Cristo Rei como o

pior bairro (31 entrevistados = 100%), 58,06% (18 pessoas) o colocaram em 1º lugar como o pior, 22,58% (7 pessoas) o colocaram em 2º lugar e 19,36% (6 pessoas) o colocaram em terceiro lugar.

Tomando como base o total de respostas apresentadas para a questão (N = 159), uma vez que foi pedido aos entrevistados que citassem os 3 piores bairros de Montes Claros, as 31 respostas correspondem a 19,5% do total, sendo que o segundo bairro mais votado, o Chiquinho Guimarães, corresponde a 9,43%, ou seja, aproximadamente 10 pontos percentuais a menos que o Cidade Conferência Cristo Rei. Em relação ao terceiro colocado, o bairro Santos Reis, que obteve 6,92% das respostas, há uma diferença de mais de 12%.

Em seguida, após a resposta desta primeira questão, foi pedido que os mesmos apresentassem o critério que haviam utilizado para definir os três bairros citados como os piores. As justificativas, após categorizadas apresentam-se no Gráfico 2:



Obs: O item violência/Tráfico também é composto pelos itens Criminalidade e mortes. Assim, leia-se Violência/Tráfico/Criminalidade/Mortes para analisar esta categoria.

Gráfico 2: Justificativas dos entrevistados para a escolha do pior bairro de Montes Claros.

Fonte: Banco de dados resultante da aplicação de questionários na área central de Montes Claros, jun./jul.2013.

Tais justificativas assinalam que a violência, o tráfico, a criminalidade e o elevado número de mortes são aspectos tidos como os que tornam um bairro como o pior de Montes Claros; seguido pelos critérios de infraestrutura precária (composta pelas falas de que o bairro é desestruturado, desorganizado, tem ruas apertadas, falta de saneamento, falta de asfalto, infraestrutura ruim) e pobreza. O item aspectos subjetivos do entrevistado diz respeito à respostas fundadas em critérios de gosto, de ter residido no bairro, ou aspecto estético e engloba falas tais como “acho o bairro feio”, “não são bons”, “não gostaria de

morar ali". O item outros engloba aspectos citados tais como: "*desigualdade social*", "*falta de cultura*", "*área de risco*", "*não é todo mundo que pode entrar lá*".

Foi questionado também quais eram os 3 melhores bairros de Montes Claros e, do total de respostas (N=159), 16,98% (27 respostas) correspondiam ao bairro Ibituruna, 13,21% (21 respostas) referiam-se ao Jardim São Luiz e 8,18% (13 respostas) apontaram o São José como o melhor bairro de Montes Claros. Foram apresentados ao todo 38 bairros diferentes, dentre os quais 17 foram citados apenas uma vez (Alto São João; Augusta Mota; São Geraldo II; Panorama; Cândida Câmara; Vila Santa Maria; Santo Expedito; Dr. João Alves; JK; Jaraguá; Esplanada; São Judas; Panorama II; Eldorado; Vila Regina); 5 bairros foram citados duas vezes (Vila Guilhermina; Independência; Funcionários; Delfino; Cintra) e 4 bairros foram citados 3 vezes cada (São Judas; Edgar Pereira; Maracanã; Monte Carmelo). Os resultados com relação aos mais citados podem ser visualizados a seguir no Gráfico 3:

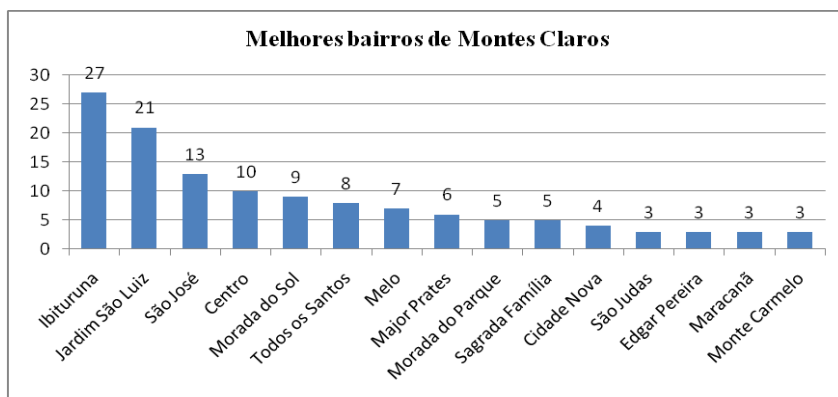


Gráfico 3: Bairros assinalados pela amostra como os melhores de Montes Claros.

Fonte: Banco de dados resultante da aplicação de questionários na área central de Montes Claros, jun./jul.2013.

É interessante observar, como contraponto que, no momento da aplicação dos questionários, se os entrevistados não titubeavam ao responder qual era o pior bairro de Montes Claros, o mesmo já não ocorreu no momento de definir os melhores e as perguntas: "*Melhor em que sentido?*" ou "*O que você está chamando de melhor?*" se tornaram constantes durante a aplicação dos questionários. A orientação, no entanto, foi a mesma: escolha você o critério e em seguida justifique-o. As justificativas apresentadas seguem no Gráfico 4:

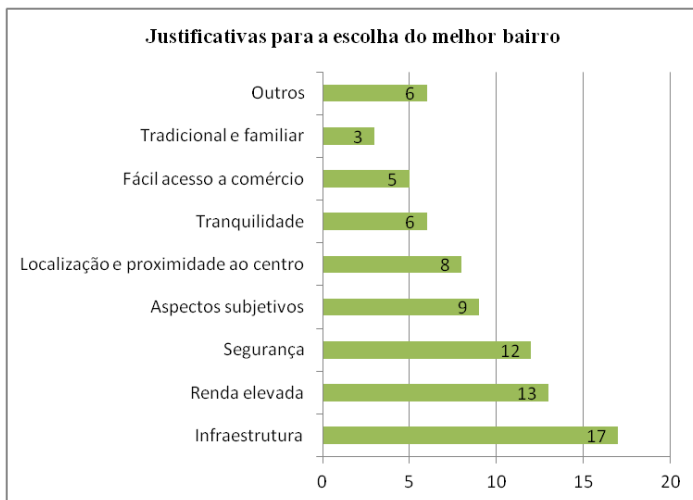


Gráfico 4: Justificativas dos entrevistados para a escolha do melhor bairro de Montes Claros.

Fonte: Banco de dados resultante da aplicação de questionários na área central de Montes Claros, jun./jul.2013.

As justificativas para a escolha do melhor bairro parecem quase que de forma de espelho invertido com relação àquelas apresentadas para a escolha de critérios para se definir os piores bairros, exceto por três categorias novas: tranquilidade, fácil acesso a comércio e por ser bairros tradicionais e familiares. Inclusive nos aspectos subjetivos e outros, ambas as categorizações se apresentam de forma bem semelhante. Se, por um lado o que torna um bairro como *pior* é a falta de infraestrutura ou os altos índices de criminalidade e violência, os entrevistados apresentam, por outro, que o que o torna *melhor* é a presença da infraestrutura e segurança e assim por diante.

A estas questões acima apresentadas se adicionam outras, tais como: i) se conheciam todos os bairros que estavam indicando, ii) quais os bairros com maior índice de criminalidade e iii) quais os bairros com mais problemas relacionados ao tráfego, sendo que nestas duas últimas, o Cidade Conferência Cristo Rei foi o primeiro colocado.

Nesta primeira fase da pesquisa exploratória observa-se que, tendo uma amostra diversificada, a mesma apresenta respostas muito próximas no que se refere ao estigma imposto ao bairro Cidade Conferência Cristo Rei. Diante de uma questão genérica, na qual não se apresenta nenhuma especificação ou detalhamento, como foi a solicitação da nomeação dos piores bairros, a amostra respondeu em sua maioria o bairro Cidade Conferência Cristo Rei, ainda que se utilizando de justificativas diferenciadas, que vão desde a ausência de qualidade de vida, até as questões mais observáveis como são a violência e criminalidade. Por outro lado, quando se lhe apresentam um critério, tal como maior índice de criminalidade e problemas relacionados ao tráfego, a resposta observada na amostra ainda é o bairro Cidade Conferência Cristo Rei em sua maioria.

A segunda etapa da pesquisa exploratória consistiu em verificar junto aos moradores e profissionais que trabalham no bairro a percepção/presença de estigma. Tal etapa foi propícia para se perceber que a realidade apresentada por Rocha e Martins (2006) e Santos (2011) ainda se faz presente no Cidade Conferência Cristo Rei: os moradores no entorno os veem como perigosos, como ameaça diante da qual deve se ter cautela. Frases tais como “*Você vai ter coragem de ir lá?*”³ ou “*O povo de lá dá muito trabalho*” foram ouvidas em alguns momentos da pesquisa exploratória.

Os serviços ofertados no bairro ampliaram (Unidade de Saúde, Fica Vivo, ProJovem, participação da paróquia e o desenvolvimento de atividades recreativas), mas em alguns deles ainda se identifica o estigma: “*a forma como olham*”, “*a diferença social entre os moradores e as demais pessoas que frequentam*”. As queixas com relação a determinados serviços ainda permanecem: a Cemig e o SAMU não entram no bairro exceto com o acompanhamento da polícia, “*ou então tem que levar a pessoa lá na pracinha*”; “*a Cemig só entram sozinhos pra cortar a luz. Aí é rapidim*”. “*Também o carro de lixo não passa. Só uma carroça, de vez em quando.*”

As redes de relações dos jovens se estendem para além do bairro, sendo os mesmos tratados de forma “*normal*” pelos amigos de fora: “*eles já acostumaram*”. Ao mesmo tempo em que dizem do tratamento igualitário, os entrevistados percebem a presença do estigma: “*Tem uns que critica. Tem uns que acha até massa. Agora tem uns que fica colocando porém em tudo. Tem escola mesmo que não aceita menino de lá não*”; “*Cê vai procurar vaga, eles falam que tem. Cê fala que é do Feijão, não tem mais*”. Citam em seguida o exemplo de escola da região onde os alunos do Cidade Conferência Cristo Rei não podem se matricular, devido o preconceito contra eles.

A falta de atenção ritualística descrita por Goffman (1988) é verificada mediante a atenção com os indivíduos de fora do bairro: “*o povo julga muito ali. O povo desvaloriza demais. Nem conhece e vai chegando e falando o que eles acham. Não é assim não! Um dia mesmo, a menina chegou em mim e falou que ‘pra entrar lá na favela tem que pagar’. Eu falei que num é assim não*”.

Um xingamento utilizado para ofendê-los é “*favelado*”, mas em resposta eles reforçam a sua pertença ao bairro: “*Eu não troco minha casa por onde cê mora, meu bem*”. E marcam novamente que o bairro é um bom local, com ajuda mútua, “*todo mundo ajuda todo mundo. Vai um na casa do outro*” ou ainda falando sobre os que vieram morar no bairro: “*Lá é muito engraçado. O pessoal [os moradores] é massa demais. O pessoal [os visitantes] chega fica*”.

Diante do exposto, as ideias de Goffman (1988), Elias e Scotson (2000) e Wacquant (2006) se mostraram pertinentes para analisar a questão do estigma com relação aos moradores e ao bairro, em suas duas vertentes: a estigmatização da coletividade dos indivíduos (enquanto formando categoria) e a estigmatização do bairro/território.

³ As frases marcadas em itálico se referem a transcrições das entrevistas realizadas.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A lógica da estigmatização é a lógica da divisão, de pessoas e territórios como visto neste trabalho. Parte da cidade é tida como nobre, respeitável, lugar bom para se viver e parte dela é segregada, tida como violenta, precária, perigosa, sendo que tais divisões chegam também às pessoas. Residir em tal lugar é atestar para os demais as condições de sua identidade, tal como se lugar e pessoa fossem uma coisa só. Fato é que, ambos se dividem partindo de marcadores simbólico-discursivos e sociais, tais como infraestrutura, índices de acesso a saúde, educação, dentre outros.

O Feijão Semeado é visto no senso comum como um bairro ruim, violento, que enfrenta problemas com o tráfico e criminalidade. Esta visão se estende aos moradores, depreciando-os e impedindo-os de acessarem igualmente os demais espaços da cidade, de acessarem recursos de Educação e Saúde de seu entorno e mais ainda de acederem ao mercado de trabalho e pleitear mudanças de vida e mobilidade social.

Desta forma, os estigmas e os estigmas territoriais, dividem a cidade e impedem o acesso ao desenvolvimento, às formas de sua implementação e cada vez mais segrega parcela da população, donde há que se pensar estratégias materiais, mas não apenas estas haja vista o simbólico das representações ser também fator importante para o desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

BRESCIANI, Maria Stela (org). **Palavras da cidade**. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2001.

DEMO, Pedro. Avaliação qualitativa: um ensaio introdutório. **Revista Educação e Seleção**. n.14, 1986. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/es/artigos/107.pdf>> Acesso em: 16.out.2012.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FRANÇA, Iara Soares de. Indicadores sociais e econômicos para uma leitura do processo de fragmentação do espaço urbano e desigualdade social na cidade média de Montes Claros/MG. In: **Anais do Colóquio Recursos na luta contra a pobreza**. 26 a 28 ago.2010. Disponível em: <http://www.coloquiointernacional.unimontes.br/images/trabalhos/5_formas/19_iara_soares_de_franca.pdf>. Acesso em: out.2012.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **IBGE estados**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=mg>> Acesso em jan.2013.

_____. **Censo demográfico 2010: aglomerados subnormais, primeiros resultados.** Rio de Janeiro, 21.dez.2011a. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000006960012162011001721999177.pdf>> Acesso em: dez.2012.

_____. **Agglomerados subnormais: primeiros resultados.** Rio de Janeiro, 2011b. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subnormais/agsn2010.pdf>. Acesso em: dez.2012.

LEITE, Marcos Esdras; BRITO, Jorge Luiz Silva; LEITE, Manoel Reinaldo. SIG aplicado ao estudo comparativo de favelas: o caso de uma cidade média. In: **OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia**, v.1, n.2, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.observatorium.ig.ufu.br/pdfs/1edicao/n2/SIG%20APLICADO%20AO%20ESTUDO%20COMPARATIVO%20DE%20FAVELAS.pdf>> Acesso em: nov.2012.

LEITE, Marcos Esdras; PEREIRA, Anete Marília. A cidade do contraste: da periferia à periferia. In: _____ . **Metamorfose do espaço intra-urbano de Montes Claros – MG.** Montes Claros: UNIMONTES, 2008.

RITTER, Carlos; FIRKOWSKI, Olga Lúcia Castreghini de Freitas. Novo conceitual para as periferias urbanas. **Revista Geografar.** Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação em Geografia – UFPR. 2009. Disponível em: <ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/geografar/article/view/14334/9644>. Acesso em: 10.out.2010.

ROCHA, Rosilene Oliveira; MARTINS, Herbert Toledo. **A estigmatização da pobreza: o caso da comunidade Cidade Conferência Cristo Rei em Montes Claros.** Relatório parcial sobre a Aglomeração Cidade Conferência Cristo Rei. Universidade Estadual de Montes – UNIMONTES. Departamento de Geociência. Montes Claros, junho de 2006. p,1-15. Disponível em: <<http://www.coloquiointernacional.unimontes.br/2008/arquivos/145rosileneoliveirarocha.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2009.

RODRIGUES, Luciene; GONÇALVES, Maria Elizete; BALSÁ, Casimiro Manuel Marques; TEIXEIRA, Gilmaria Emília. **Análise multidimensional da pobreza, vulnerabilidade e risco social para famílias de baixa renda do município de Montes Claros (MG).** Disponível em: <<http://web.cedeplar.ufmg.br/cedeplar/seminarios/ecn/ecn-mineira/2012/arquivos/An%C3%A1lise%20multidimensional%20da%20pobreza.pdf>>. Acesso em jan.2013.

SANTOS, Lillian Maria. **A vivência de uma comunidade em situação de vulnerabilidade social e as práticas da ESF: o caso da comunidade Cidade Conferência Cristo Rei.** 2011. 99f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2011.

VIANA, Moacir da Cunha (Ed.). **Novo dicionário escolar da língua portuguesa.** São Paulo: Editora Didática Paulista, 2011.

WACQUANT, Loic. **A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada.** Sociologia. Departamento de Sociologia – Faculdade de Letras/UP, vol.XI, Porto, 2006.

_____. A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada. **Sociologia.** Departamento de Sociologia – Faculdade de Letras/UP, vol.XI, Porto, 2006.

_____. O corpo, o gueto e o Estado penal. **Etnográfica.** v.12, n.2, nov.2008. pp.455-486. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/etn/v12n2/v12n2a10.pdf>>. Acesso em: 10.jun.2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

América Latina 5, 13, 16, 24, 25, 94, 95, 119, 120
Assistente social 17, 22, 23, 26, 55, 67, 94, 102, 104, 146
Autogestão 165, 167, 168, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177
Avaliação multidimensional da pessoa idosa 45, 46, 47, 71

B

Bioética 34, 179

C

Centros de Referência da Assistência Social - CRAS 90, 99
Ciências humanas e sociais 34, 35, 36, 37, 44
Conselho Nacional de Saúde - CNS 17, 20, 34, 36, 44
Contrarreforma do Estado 1, 2, 6, 9, 11, 12, 13
Convivência familiar e comunitária 76, 84
Coronavirus 20
Covid-19 14, 15, 17, 21
Crimes femininos 125

D

Desenvolvimento da comunidade 22, 29, 30, 31
Dominação 23, 86, 106, 107, 108, 116, 119, 128, 138, 141, 143, 152

E

Emergência 6, 14, 16, 17, 18, 19, 115
Empoderamento 102, 105, 107, 110, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122
Envelhecimento 16, 45, 46, 48, 70, 71, 72, 73
Espaço urbano 99, 103, 154, 156, 157, 163
Estado democrático de direito 124
Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA 76, 80, 85, 87, 88, 97
Estigma 85, 153, 154, 155, 157, 161, 162, 163
Estigmatização territorial 154, 164
Expansão industrial 23

F

Família 17, 18, 26, 30, 70, 76, 77, 79, 82, 85, 86, 97, 103, 106, 107, 108, 109, 115, 130, 133, 137, 140, 142, 143, 145, 146, 147, 149, 150, 155, 156

Finanças pessoais 165, 166, 168, 173, 176, 177

Fracionamento salarial 166

Fragmentação do espaço urbano 103, 156, 163

G

Gênero 74, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 94, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152

I

Identidade feminina 140, 143

Idoso 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 67, 70, 71, 72, 73

L

Lei Orgânica da Saúde 16

M

Modo de produção capitalista 2, 90, 91

Movimento feminista 126, 127, 141, 143

Mulher criminosa 124, 126, 130, 139

Mundialização do capital 2

O

Organização Mundial de Saúde - OMS 88

P

Planejamento 2, 15, 21, 26, 32, 135, 149, 151, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 174, 176, 177

Política de saúde 1, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 16, 73, 135, 179

Políticas sociais no Brasil 1, 2, 6, 11, 179

Proletariado urbano 23

Proteção integral 75, 76

Q

Questão social 2, 3, 5, 6, 13, 22, 23, 25, 27, 29, 31, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 98, 99, 102, 104

R

Rede de atenção à saúde 16

Reestruturação do Estado 2

Relações de poder 36, 106, 107, 110, 116, 127, 128, 163

Representatividade feminina 143

S

Secretaria Municipal de Saúde 48, 50

Serviço social 1, 2, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 89, 90, 93, 94, 95, 101, 102, 103, 104, 179

Serviço social brasileiro 12, 13, 22, 25, 31

Servidores públicos 165, 166, 167, 170, 171, 176, 177

Sistema de Informação para Infância e Adolescência - SIPIA 79, 83, 88


Sistema Único de Saúde - SUS 1, 7, 8, 13, 16, 20, 72, 134, 135, 179

U

Unidade de referência à saúde do idoso 45, 48, 50, 73


SERVIÇO SOCIAL NA AMÉRICA LATINA:

Reflexões sobre formação profissional,
produção do conhecimento e
cotidiano dos serviços

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 




 **Atena**
Editora

Ano 2021

SERVIÇO SOCIAL NA AMÉRICA LATINA:

Reflexões sobre formação profissional,
produção do conhecimento e
cotidiano dos serviços

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 